

**ABORDAGENS
TEÓRICAS
E PRÁTICAS
EM PESQUISA**

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

Landressa Schiefelbein

ISBN 978-85-7221-581-7

2026

Flávia Cristina Martins de Oliveira

**O DISCURSO LACANIANO
EM MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS
PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-581-7.9

RESUMO:

Na atualidade, a língua inglesa é uma ferramenta necessária para a comunicação entre as pessoas ao redor do mundo. Há mais falantes não-nativos do que nativos de inglês. Contudo, o pensamento hegemônico ainda está presente na área de ensino e aprendizagem da língua inglesa. O falante nativo do norte global é o modelo a ser imitado pelos aprendizes da língua. Essa ideologia é encontrada em métodos, abordagens e materiais didáticos. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, objetivou examinar materiais didáticos digitais para o ensino de língua inglesa e suas tensões de poder através do discurso lacaniano. Foram categorizados e analisados materiais que apresentam a premissa do falante nativo. Os resultados sinalizaram assimetria nos laços discursivos.

Palavras-chave: material didático; ensino de língua inglesa; falante nativo; psicanálise; linguagem.

INTRODUÇÃO

A globalização e a Internet têm modificado a comunicação entre as pessoas, e a língua que as conecta geralmente é o inglês. Aprender a língua inglesa tornou-se necessário para as demandas contemporâneas, pois é a língua dos negócios, das viagens, das pesquisas e das interações sociais no universo digital. O mercado está repleto de opções para estudá-la. Além das escolas de educação básica, há ainda os cursos de idiomas e o ensino através das plataformas digitais. Neste contexto, materiais didáticos são facilmente encontrados na Internet e há vários recursos disponíveis, desde livros até professores criados pela inteligência artificial (IA).

A expansão do inglês no mundo começou com a colonização britânica, período que durou dos séculos XVI ao XX. Quase um quarto do planeta chegou a ser dominado pela Inglaterra em seu auge imperialista. Mesmo após seu declínio, o poder hegemônico perdura no pensamento colonial com a valorização exacerbada do norte global (Phillipson, 1992; Lacoste, 2005; Santos, 2007). No tocante ao ensino de língua inglesa, a veneração pelo falante nativo faz parte da ideologia do ensino e aprendizagem de inglês. Por isso, este trabalho tem como objetivo analisar materiais digitais que abordam o falante nativo, para desvelar as tensões de poder através do discurso laciano.

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma: a introdução apresenta o panorama geral da proposta do trabalho. A segunda seção discute o status da língua inglesa atualmente, a ideologia hegemônica do norte global e a decolonialidade no cenário de ensino de inglês. As subseções seguintes abordam a fundamentação teórica da pesquisa, ou seja, linguagem, psicanálise e os discursos lacianos, e a análise dos resultados. Por último, o trabalho faz algumas considerações sobre os achados da pesquisa.

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE

A globalização tem trazido o encurtamento de limites espaciais e temporais. Um dos mais importantes veículos para essa transformação é a Internet, cuja língua amplamente usada é a inglesa. Neste sentido, compreende-se a importância de tornar-se um falante de inglês. Dada sua expansão e relevância, o ensino de língua inglesa tem se solidificado, e hoje estima-se que há cinco falantes não-nativos para cada nativo no mundo, isto é, comunicar-se com pessoas de diferentes países é muito mais frequente do que ter contato linguístico com nativos.

Ainda assim, ter como modelo de língua falantes da Inglaterra ou dos Estados Unidos é um desejo de quem quer aprender inglês. Os métodos de ensino e os materiais didáticos apresentam essa proposta imperialista em seus conteúdos, pois são em sua maioria, produzidos pelo norte global (Scheyerl, Siqueira, 2012). Siqueira (2024) corrobora esse argumento ao explicar que os materiais didáticos perpetuam esse cenário para a manutenção da ideologia eurocêntrica:

[...] quando analisamos o conteúdo de diversos livros didáticos de língua inglesa, sejam de natureza mais estruturalista ou comunicativa, é comum notarmos que aspectos como referências culturais, por exemplo, espelham deliberadamente a vida diária de falantes nativos dominantes, cujas vidas estão distanciadas daquelas de pessoas comuns, difundindo-se suas crenças, seus comportamentos, valores e estilos de vida, em especial, *the American way of life*¹. Ou seja, para a maioria das séries didáticas de ELI (Ensino de Língua Inglesa) tidas como globais, o falante nativo dominante, o indivíduo bem-sucedido na vida, usuário de um inglês padrão, é o modelo a ser imitado, o que, como vimos, não condiz exatamente com o perfil daqueles que hoje são a maioria esmagadora de falantes de inglês no planeta (Siqueira, 2024, p. 98).

A desconstrução dessa ideologia eurocêntrica pode ser feita através da conscientização e valorização dos países do sul global. O desenvolvimento da criticidade e da reflexão de professores e alunos sobre o status do falante nativo de língua inglesa é primordial para que essa relação de poder entre norte e sul se modifique e torne-se mais equilibrada. Borelli *et. al* (2020) explicam a importância da decolonialidade para que isso se concretize:

[...] o pensamento decolonial defende um conhecimento geo-corpo-politicamente localizado, ou seja, nessa perspectiva, o local de produção do conhecimento é tão importante quanto a pessoa que o produz. Segundo Mignolo (2012, p. xiv), “[a] geopolítica e a política corporal criaram as condições para que muitos se desvinculassem, escapassem da gaiola de ferro do ‘conhecimento absoluto’ imperial”. Essa abertura nos permite não apenas confrontar a suposta universalidade do conhecimento hegemônico, mas também reconhecer seu local de produção e questionar os interesses que ele serve (Borelli *et al.*, 2020, p. 307, tradução da autora)².

Uma busca rápida na Internet sobre o ensino de língua inglesa apresenta uma ideologia colonial e perniciosa na divulgação e venda de materiais didáticos digitais. A língua do falante nativo é a promessa de que o aluno irá aprender o inglês “real”. Além disso, há ainda a propaganda de que ter um professor nativo levará o aprendiz a um patamar linguístico superior. Nesta esteira de pensamento, as seções a seguir apresentam as tensões de poder dessa seara através da psicanálise e os estudos da linguagem, e a teoria dos quatro discursos de Lacan.

2 *[...] decolonial thinking advocates a geo-body-politically localized knowledge, that is, in this perspective the place of knowledge production is as important as the person that produces it. According to Mignolo (2012, p. xiv, emphasis in original), “[g]eo- and body-politics created the conditions for many to delink, to escape from the iron cage of imperial ‘absolute knowledge’”. This openness allows us not only to confront the supposed universality of hegemonic knowledge, but also to recognize its place of production and to question the interests it serves.*

PSICANÁLISE E LINGUAGEM

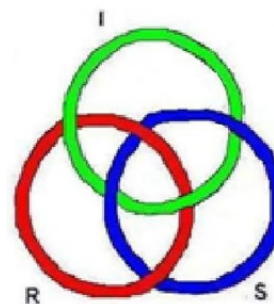
Freud (Freud, 1915, 1925/2009) foi o precursor da psicanálise no século XIX, por conseguinte, Lacan (1992a, 1992b) deu seguimento aos estudos freudianos e conseguiu, com articulações de várias outras disciplinas – filosofia, lógica, linguística, antropologia e topologia – dar continuidade aos construtos psicanalíticos deixados por Freud.

Freud, em seus trabalhos, estrutura a mente humana – ou psique – com a primeira tópica (inconsciente, pré-consciente e consciente) e a segunda tópica (id, ego e superego). Com elas, ele consegue compreender os mecanismos que apresentam e regulam desejos e defesas humanas, conseguindo assim, através do trabalho psicanalítico, trazer apaziguamento para muitos sofrimentos psíquicos. Com embasamento no pensamento freudiano, Lacan agrega várias contribuições para o campo psicanalítico.

Dentre essas contribuições, o nó borromeano é uma das principais. Com a intenção de reconfigurar a estrutura da psique, Lacan utiliza como base o nó borromeano desenvolvido por Guilbaut na área de topologia. O surgimento deste nó data do século XV e simbolizava o brasão da família Borromeo. A característica que leva Lacan a utilizá-lo é que o nó é feito por três círculos contíguos (a partir de um trançado) que se desfaz se houver somente uma ruptura. Essa amarração dará uma explanação nova sobre a psique humana e um passo adiante na teoria freudiana.

Segundo Lacan, a estrutura psíquica do sujeito é formada pelos domínios do real, do simbólico e do imaginário (R.S.I.). Este enlace, então, é simbolizado pelo nó borromeano. Nele, cada círculo contém um campo e na intersecção dos três se limita o objeto *a*. Topologicamente ele é representado da seguinte maneira:

Figura 1- Nó borromeano



Fonte: Couto (2021, p. 601).

Para Lacan, o real não existe. O real não pode ser compreendido por inteiro dentro das possibilidades do sujeito. O real está além do domínio humano. Assim Jorge (2010, p. 11) explica o real afirmando que:

O real é “o que é estritamente impensável”, é o impossível de ser simbolizado; o real é, por excelência, o trauma, o que não é passível de ser assimilado pelo aparelho psíquico, o que não tem qualquer representação possível. Por isso, o real é também aquilo que retorna ao mesmo lugar, já que o simbólico não consegue deslocá-lo, e o ponto de não-senso que ele implica se repete insistentemente enquanto radical falta de sentido (Jorge, 2010, p. 11).

O que cada sujeito possui de real é a pequena parcela que ele consegue absorver de um todo abstrato e infinito. Por isso, cada sujeito constrói em sua psique uma realidade única, singular e que difere do real das outras. Destarte, um grupo de pessoas pode estar reunido em um mesmo espaço físico, porém cada uma, dentro de suas condições e momento psíquico vai compreender aquele microuniverso de maneira singular.

Já o simbólico é compreendido pela concretude que o sujeito atribui ao mundo que o rodeia. É uma decodificação que o sujeito desenvolve para conseguir compreender a realidade. Pode-se dizer

que são as representações construídas pelo sujeito. É onde se estabelecem as leis, regras sociais e a linguagem. Para Lacan é onde se institui o inconsciente e onde se constituem seus significantes. Portanto, através do simbólico, "A linguagem aparece, assim, como um reflexo da realidade; e a realidade, como uma construção social [...]" (Dunker *et al.*, 2017, p. 55).

O imaginário pode ser entendido como o mundo de fantasias do sujeito. É onde ele constrói sua história, cria, recria, lê, relê e reconta sua biografia. O imaginário é fundamental para fornecer um universo psíquico rico ao sujeito. Ele auxilia-o na configuração de suas experiências, tornando-as mais confortáveis. Segundo Lacan, o real e o imaginário são avessos um ao outro, enquanto o simbólico tenta articular esses dois. A estrutura psíquica do sujeito se dá com estes três campos e como eles dialogam entre si.

Dunker *et al.* (2017) partem da materialização da linguagem, o discurso, para explicar a estrutura do nó. Ele afirma que a materialização da língua no discurso passa pelo domínio do real – que é impossível de ser elaborado, e perpassa pelo simbólico e imaginário:

Uma maneira de representar as diferentes acepções de discurso que comparecem em nosso diálogo com a psicanálise consiste em perceber que entre as formas históricas de alienação do sujeito e a estrutura da linguagem há lugar ainda para o que não se inscreve nem em uma nem em outra. É o que Lacan chama de Real, aquilo que é contornado e contido pelo discurso. Daí que possamos distribuir as diferentes perspectivas de estudo da linguagem conforme o ponto de partida que tomam para deduzir as relações entre Real, Simbólico e Imaginário [...]" (Dunker *et al.*, 2017, p. 21).

A intersecção que ocorre no meio dos três círculos, única área onde os três domínios se encontram, é chamado de objeto *a*. Ele é a parte perdida do sujeito, é o que lhe escapa, se esvai. Antagonicamente, o objeto *a* se faz presente devido a sua ausência.

O sujeito passa a vida toda em busca dele, é o que instiga a pulsão de vida – Eros, e com o qual o sujeito se relaciona por toda a vida.

De acordo com o construto do nó borromeano, o real está além da compreensão do sujeito. A partir do universo do real, cada sujeito, de acordo com suas experiências e como são afetados por elas, constrói a sua realidade utilizando os domínios do imaginário e do simbólico. Jorge (2011, p. 10) afirma que “Para Lacan, a realidade é simbólico-imaginária, é uma construção eminentemente fantasística que, para cada sujeito, faz face ao real inominável!”. É no simbólico que o sujeito materializa sua realidade na língua, ou seja, sua representação. Se o real não existe, tudo que o sujeito compreende como realidade é uma representação dela. Por isso, cada um elabora sua percepção de mundo, representando-a de acordo com sua compreensão do real. Jorge (2010, p. 10) corrobora essa discussão ao afirmar que:

Essa oposição entre duas realidades diversas, uma interna e outra externa, constitui o fulcro principal aberto pela noção de fantasia na obra de Freud. Ela implica a existência de uma abertura na relação do sujeito com o mundo externo que vem a ser preenchida por representações singulares que se repetem insistentemente, de modo a lhe oferecer alguma homeostase psíquica. Tais representações constituem uma verdadeira matriz psíquica que funciona como uma espécie de filtro em relação ao mundo externo, do qual são retirados apenas os traços que com elas se coadunam (Jorge, 2010, p. 10).

Por este viés, a língua é considerada uma construção sócio-histórica e como tal, é denominada discurso, isto é, a língua é uma produção de sentidos que se realiza nas relações sociais. De acordo com esse pensamento e delimitando discurso para o ancoramento teórico dessa pesquisa, Lacan (1972/1978, p. 32-55 *apud* Dunker et al., 2017, p. 186) define discurso ao dizer: “O discurso é o quê? É o que, na ordem, no ordenamento do que pode ser produzido pela existência da linguagem, faz função de laço social. [...]”. Portanto, o discurso

é o que faz esse laço, é o que une os sujeitos em sociedade. Além disso, esses laços geralmente não estão em equilíbrio, sempre há uma relação de poder que tensiona o discurso.

OS QUATRO DISCURSOS DE LACAN

Baseando-se nos estudos freudianos, principalmente nos trabalhos desenvolvidos sobre a histeria e na linguística estruturalista vigente nas décadas de 50 e 60, Lacan desenvolve a teoria dos quatro discursos nos anos 68/70 (Lacan, 1992a). Ele proferiu essa teoria no Seminário “O Averso da Psicanálise”, um ano após a rebelião estudantil francesa de 1968, fato que o influenciou nessa teorização. A linguagem, Lacan afirma, precede o discurso, já que “[...] as palavras não podem dizer tudo, nunca serão suficientes para responder ao sujeito quem ou o que ele é” (Bueno, 2015, p. 3). O discurso é o que sustenta as relações entre os envolvidos, estabelecendo os laços sociais e, por assim dizer, as relações de poder existentes na interação discursiva.

Freud afirmava que as fontes de sofrimento humano advêm de algumas profissões impossíveis de se realizar em completude, a saber; governar, educar, analisar. Lacan alicerçou-se nesse pensamento freudiano para desenvolver sua teoria e, acrescentou a elas o fazer desejar, respaldando-se nos estudos sobre a histeria. Essas são ações impossíveis de se concretizar, pois sempre há a busca por um real e uma verdade que não se materializa. É a busca incessante do sujeito por algo que nem ele sabe definir, que lhe escapa, mas que ao mesmo tempo o impulsiona a desejar e que estão imbricadas nos laços sociais. Segundo Bueno (2015, p. 2) sumariza:

O real se define como impossível, e entre nós e o real há a verdade [...] (Lacan,1992). A impossibilidade não é total, mas admitir a dimensão impossível de cada discurso e a

consequência disso nos atos de governar, educar, analisar e se fazer desejar, significa aceitar que há sempre algo que sobra, que escapa à possibilidade discursiva e à totalização (Bueno, 2015, p. 2).

O modo de construção dos discursos se organiza sempre de acordo com a estrutura comunicativa de quem profere o discurso, denominado agente, e de quem recebe o discurso, chamado de outro. Essa interação irá produzir um saber, chamado de produção. Há ainda a posição da verdade, aquela que não é desvelada, onde o real está instalado, embaixo do agente. A relação discursiva é representada por Lacan da seguinte forma:

Figura 2 - Relação discursiva

AGENTE → OUTRO

VERDADE // PRODUÇÃO

Fonte: Lacan (1992a).

O agente é sempre aquele que organiza a produção discursiva, é ele quem domina o laço social. O outro é a quem o discurso é dirigido, e que precisa do agente para se constituir. É importante salientar que as relações de poder se instalam e se regulam de acordo com os papéis desses dois significantes, assim denominados por Lacan. O discurso do mestre, por exemplo, só se realiza porque o outro o recebe como um saber soberano, e essa relação constitutiva se apresenta antes e na linguagem utilizada pelo agente e o outro.

Embaixo do significante outro, há a produção, que é o efeito do discurso, a construção de um saber, do conhecimento que se realiza no ato discursivo. E embaixo do significante agente, existe a verdade, que sustenta o discurso, mas que não é inteiramente acessível. Para a psicanálise, é onde o inconsciente está, onde o real se resguarda. As duas barras que separam a produção e a verdade significam interdição, pois nunca se conhece e se descobre a verdade

em sua totalidade (Coelho, 2006; Quinet, 1999; Ferrari, Pelli3n, 2011; Ferrari, 2010; Ravinovish, 2001).

Com base na rela33o discursiva apresentada, Lacan ent3o prop3e, inspirando-se na 3lgebra, a constitui33o de significantes que representam os elementos do discurso, a depender de como se configura a rela33o entre o agente e o outro. Esses significantes foram chamados de matemas (S1, S2, *a*, \$) e se articulam nas posi333es de agente, outro, produ333o e verdade. O S1 representa o significante mestre, aquele que vai dominar o discurso, o S2 representa o saber, *a* representa o objeto *a*, ou seja, a causa do desejo, aquele que impulsiona a busca incessante do sujeito por algo que ele n3o consegue explicar, e \$ 3 a sujeito dividido, barrado³. Os discursos do mestre, universit3rio, da hist3rica e do analista s3o representados assim (Lacan, 1992a):

Figura 3 - Quatro discursos de Lacan

Discurso do Mestre		Discurso Universit3rio
<u>S1</u> → <u>S2</u>		<u>S2</u> → <u><i>a</i></u>
\$ // <i>a</i>		S1 // \$
Discurso da Hist3rica		Discurso do Analista
<u>\$</u> → <u>S1</u>		<u><i>a</i></u> → <u>\$</u>
<i>a</i> // S2		S2 // S1

Fonte: Lacan (1992a).

O discurso do mestre apresenta uma rela33o discursiva de domina33o e soberania em rela33o ao outro, a quem ele se dirige. 3 a lei, a ordem, a supremacia, e s3o resta ao significante S2 submeter-se a S1. Desta rela33o, a produ33o ser3 sempre de desejo, de saber

3 Para Lacan o significante \$ 3 denominado de sujeito barrado e n3o cifr3o, como 3 geralmente chamado o s3mbolo.

mais em uma posição de completa aceitação. Embaixo do S1 existe \$, o sujeito dividido, barrado, o não-dito. Isto porque, antagonicamente, pode-se inferir que S1 também está cindido pela verdade, ele não sabe tudo. Ele só se sustenta como soberano porque S2 assim o constrói na relação entre agente e outro.

O discurso universitário apresenta o saber como o agente que se relaciona com o objeto *a*, a causa do desejo. Dessa interação surge \$, o sujeito marcado, dividido, pois nenhum saber é pleno. Isto é, neste discurso a relação é de divinização do conhecimento, atado a dogmas e crenças. Esse discurso retroalimenta a posição do outro, como uma posição de sempre estar atrelado a uma situação de inferioridade em relação ao agente, significante S2.

O discurso da histórica é conduzido por \$, o sujeito marcado, o agente se sente dividido, em busca de respostas. Ele interage com S1, o sujeito suposto saber, assim denominado por Lacan. Dessa relação se produz S2, o saber. O discurso da histórica é construído pela necessidade de demanda por conhecimento, e da interrogação desse saber construído.

Finalmente, o discurso do analista representa a mobilização do outro em relação a sua divisão. O objeto *a* se dirige para o sujeito marcado, cindido, e dessa interação há a produção de S1, o significante mestre, isto é, a produção de conhecimento, como uma forma de superação. Embaixo do objeto *a* se posiciona S2, o saber, a verdade, aquela que nunca é dita, e que mobiliza o agente a instigar o outro. Nesse tipo de relação o agente, ou seja, o objeto *a* se cala para que o outro, o sujeito dividido, busque respostas e construa conhecimento, superando-se.

Importante esclarecer que os quatro discursos de Lacan não são formas estanques de relacionamentos entre os sujeitos. Esses discursos aparecem na sociedade de várias formas e interpretações, dependendo da posição dos sujeitos em suas relações, e também,

considerando os momentos históricos, econômicos e culturais de cada grupo social. Os quatro discursos são papéis sociais encontrados tanto em situações mais voláteis, pensando em relações interpessoais, quanto em condutas mais estáveis, considerando a relação de um povo com seu governo, com sua religiosidade e sua cultura. Esses papéis se modificam, e Lacan denomina essa movimentação de giros no discurso. Quando os significantes trocam seus papéis com apenas um quarto de volta, toda a constituição dos laços sociais se reorganiza. Dunker *et al.* (2017, p. 185) esclarece os giros por meio de progressão ou regressão:

[...] o giro de discurso – por meio do qual passo, por exemplo, por progressão, do discurso do mestre ao discurso histórico; ou, regressivamente, do discurso do mestre ao discurso universitário – ocorre sempre pela emergência de uma heterogeneidade mostrada como operação de transferência de autoridade, no segundo caso; ou pela transferência de amor, no caso do discurso histórico; ou ainda como transferência de saber, no caso do discurso universitário (Dunker *et al.*, p. 185).

Os quatro discursos lacanianos servem para a compreensão das relações na sociedade. Os saberes mobilizados pelos sujeitos produzem diferentes efeitos de sentido. Neste ínterim, esta pesquisa objetiva descobrir como esses discursos orientam as relações de poder no ensino e aprendizagem de língua inglesa.

O discurso do mestre pauta o saber como uma lei irrevogável. Não há espaço para questionamentos, o professor é a lei máxima. Ele tudo sabe e o aluno apreende esse saber sem contestações. O discurso universitário pode ser comparado à educação bancária (Freire, 2002). Esse discurso é conhecido como a aprendizagem a partir de dogmas e crenças. O professor não é o próprio saber, como no discurso do mestre, mas ele transmite o saber, ensinando e convencendo o aluno a ser um mero reproduzidor do saber imposto pelo professor. O aluno é considerado uma tábula rasa onde a instituição de ensino deposita os conhecimentos produzidos pela humanidade.

Por outro lado, no discurso da histórica, o aluno questiona, interroga sobre o saber construído. O professor na posição de outro instiga o aluno a superar seus limites, mobilizando-o na produção de saberes. Esse discurso é o que instiga o aluno a realizar a construção de conhecimento nas práticas sociais. Enfim, o discurso do analista é aquele que conduz à autonomia do aluno. O professor silencia e permite que o aluno construa seus saberes, traçando seu próprio caminho em busca de conhecimento. Para Ferrari (2010, p. 14) a construção do saber pelos discursos do analista e da histórica fazem face ao discurso do mestre e do universitário:

O discurso do analista proporciona, com efeito, a produção de um saber construído por um sujeito desejanste; saber que vige no lugar da verdade, fazendo com que qualquer tipo de saber totalitário vacile. No que se refere ao discurso da histórica, o obstáculo se apresenta frente às interrogações do saber proporcionadas pelo mesmo (Ferrari, 2010, p. 14).

Todavia, é necessário dizer que a circulação dos quatro discursos é imprescindível para a construção dos saberes na sociedade. Um discurso não é mais importante que o outro, há sempre espaços e momentos para que esses papéis sociais se presentifiquem e se intercambiem.

O DISCURSO LACANIANO EM MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS

Os livros, desde que surgiram no século XV, foram utilizados como material didático para o ensino. Como antigamente a produção de livros físicos tinha um valor alto, os professores geralmente utilizavam os livros como material para consulta. Alunos também possuíam exemplares, e esses livros eram usados como recurso para ampliar

os estudos ou para verificar vocábulos e regras gramaticais. Ao longo das décadas e com o barateamento dos livros, houve interesse em produzir materiais para fins pedagógicos. Assim, os livros desenvolvidos ofereciam exercícios e sequências didáticas para facilitar a aprendizagem (Paiva, 2009).

Com o advento da tecnologia, o material didático deixou de ser apenas o livro físico e começou a acompanhar outros recursos, tais como fitas cassetes, CDs, DVDs, *flashcards*, *posters*, CD-ROMs e posteriormente, materiais encontrados diretamente na Internet, como textos, atividades, vídeos, áudios e aplicativos para a aprendizagem e prática das habilidades de língua. Neste contexto, todos os recursos que proporcionam a aprendizagem são considerados materiais didáticos, como afirma Tomlinson (p. 146, 2011): “Materiais referem-se a qualquer coisa que é usada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem de uma língua” (Tradução da autora)⁴. Assim, inclusive o professor pode ser considerado material didático, pois a língua produzida e a relação dialógica desenvolvida entre ele e os alunos oferece subsídios linguísticos para a aprendizagem do inglês.

Na contemporaneidade, principalmente durante e após o período pandêmico da Covid-19, houve uma vasta produção e disseminação de materiais didáticos digitais para o ensino de língua inglesa. Cursos online, propagandas em redes sociais com oferta de conteúdos - as chamadas *clickbaits*, livros em PDF, *audio-books*, atividades em sites, vídeos no Youtube e plataformas de *streaming*, além de aplicativos elaborados para a aprendizagem. Agora com a Inteligência Artificial, estão surgindo aplicativos com professores criados por IA que interagem, adequam a conversação ao nível linguístico do aluno, além de fazer correções gramaticais e de pronúncia.

4 Materials refer to anything which is used by teachers or learners to facilitate the learning of a language.

Muitos desses materiais digitais trazem a premissa “fale como um nativo” como a promessa de uma aprendizagem eficaz. É um convite para sair da sala de aula de práticas pedagógicas encenadas e vivenciar o mundo real, onde conversas espontâneas ocorrem. Contudo, a análise dessas propostas evidencia uma ideologia opressora que tenta perpetuar o discurso do mestre aos aprendizes da língua inglesa.

A análise desta pesquisa qualitativa visa compreender o viés ideológico que há no discurso do “falante nativo” e como ele é engendrado no pensamento colonial, eurocêntrico e hegemônico. Para a coleta de dados, foram feitas buscas sobre o tema na Internet entre os meses de abril e maio de 2026. Os termos usados para realizar a pesquisa foram: “fale como um nativo”, “aprenda inglês como um nativo” e “inglês como um nativo – livros”. De acordo com os dados da Internet, os números encontrados para cada termo, respectivamente, foram de 20.800.000, 28.800.000 e 59.200.000 endereços de sites e aplicativos.

Foi feita, então, uma varredura das primeiras dez páginas apresentadas pelo buscador para cada termo, e neste recorte, foram excluídos sites que tratavam de nativos de outras línguas ou que não mencionavam o assunto, apesar de aparecerem nas buscas. Os achados foram categorizados e analisados em dez livros didáticos, vinte conteúdos nas redes sociais, cinco artigos em sites ou blogs, três aplicativos para aprendizagem de inglês e sete propagandas de aulas com professores nativos.

A análise levou à compreensão do que seria “falar como um nativo” na perspectiva do aluno. Os livros didáticos, por exemplo, oferecem vocabulário usado em situações reais de comunicação, expressões idiomáticas, modelos de pronúncia americana ou britânica e reduções na fala. Todo esse conteúdo visa desenvolver construções linguísticas mais fluidas e naturais. Pode-se dizer que há uma proposta de ensino através da imitação ou espelhamento de como

um falante nativo se comunica. Para fins de ilustração, a figura 4 apresenta alguns livros digitais que exemplificam a análise:

Figura 4 - Livros para o Ensino de Inglês



Fontes: <https://www.martinsfontespaulista.com.br/>, <https://www.amazon.com.br/>.

Acesso em: maio 2026.

O conteúdo das redes sociais tem como objetivo divulgar materiais digitais e professores de inglês para futuros alunos. A busca pela frase “fale inglês como um nativo” e seus desdobramentos têm mais de mil *hashtags*⁵ no Instagram. A proposta dos posts ou vídeos é a mesma dos livros didáticos. Geralmente há apresentação de vocabulário supostamente mais real, gírias e expressões idiomáticas que fazem parte do discurso do nativo. Há posts com comparações entre vocabulário básico e vocabulário considerado mais natural ou usado por nativos. Um dos argumentos da rede social é a de que o aprendiz irá se comunicar com mais naturalidade, adequando-se aos países e grupos de falantes dominantes.

Outro recurso bastante usado na Internet para o ensino de inglês é a apresentação de estratégias de aprendizagem. A pesquisa encontrou artigos sobre como falar ou soar como um nativo, dando sugestões de como parecer mais natural. Dentre elas, há o estudo

5 Palavras ou frases-chave precedidas pelo símbolo cerquilha (#), usadas nas redes sociais para agrupar conteúdos sobre um mesmo tema.

de vocabulário, expressões idiomáticas e trabalho de pronúncia para uma comunicação mais fluida. A figura 5 apresenta alguns achados:

Figura 5 - Artigos em sites para ensino de inglês

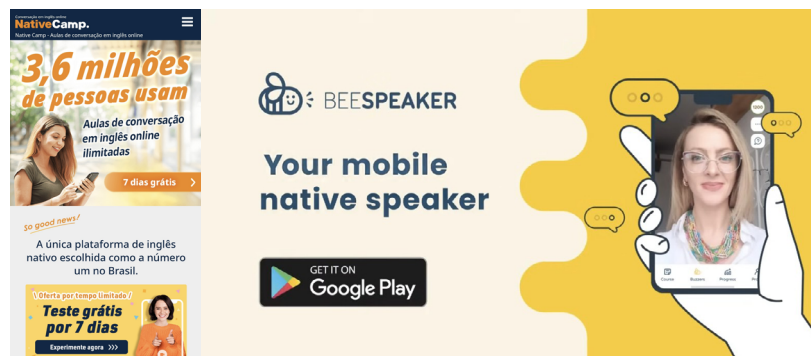


Fontes: <https://www.nacaofluente.com/blog/fale-ingles-como-um-nativo/>, <https://www.kaplaninternational.com/br/blog/dicas-de-idioma/como-falar-ingles-como-um-nativo>, <https://english.pearson.com.br/blog/ensino-de-ingles/como-falar-em-ingles-igual-nativo>

Acesso em: maio 2026.

A penúltima categoria é a de aplicativos de aprendizagem de inglês. Eles oferecem atividades para o desenvolvimento das quatro habilidades, tais como textos, explicações gramaticais, atividades de escrita e escuta. Antes da IA, as atividades orais resumiam-se a atividades de pronúncia. Com a implantação da IA, há professores ou personagens criados para conversar com os alunos em tempo real. A IA consegue detectar o nível linguístico, gostos, habilidades e assim delinear o evento comunicativo de modo mais assertivo para o aluno. No entanto, vários deles ainda espelham a língua e a aparência dos professores ao estereótipo do falante nativo. A seguir, duas propagandas de aplicativos:

Figuras 6 - Aplicativos para ensino de inglês



Fontes: <https://nativecamp.net/pt-br>, <https://beespeaker.com/br/>
Acesso em: maio 2026.

A última categoria é a do professor falante nativo. Apesar das discussões sobre decolonialidade e da necessidade de uma formação adequada para atuar como professor de língua inglesa, ainda há plataformas que oferecem aulas com nativos como uma legitimação para ensinar. A carga ideológica de que o nativo é superior ao professor não-nativo é explícita e excludente. Aulas com nativos são mais caras, algumas cobradas em dólar e não há garantias da qualidade, visto que nem sempre são profissionais com formação para o ensino de língua inglesa. A figura 7 exemplifica alguns dos discursos encontrados:

Figura 7 - Plataformas com anúncio de professores nativos



Fontes: <https://www.cambly.com/pt>, <https://preply.com/pt>, <https://beespeaker.com/br/>
Acesso em: maio 2026.

Em suma, os materiais didáticos digitais evidenciam laços discursivos assimétricos para o ensino de inglês. Nessa análise, o discurso do mestre apresenta-se como um recurso essencial para que haja a aprendizagem da língua. O mestre é o detentor da lei, dos conteúdos e tem total controle na relação entre professor e aluno. É o opressor ditando as normas linguísticas para que o oprimido as reproduza sem contestações.

Nesta esteira, o discurso universitário também se faz presente nas análises realizadas. Ele organiza e sustenta a relação entre o professor nativo e o eterno aprendiz de língua inglesa. A veneração do falante nativo de países hegemônicos perpetua o desequilíbrio nas relações de poder, fazendo com que alunos sempre se sintam menores e inferiores. A crença de que o falante nativo está apto a lecionar por saber a língua, é um atributo poderoso e apresenta um viés ideológico preocupante. A aprendizagem de língua inglesa deve ser um movimento de libertação e empoderamento. Os laços discursivos da histórica e do analista são necessários para que a competência linguística e o pensamento crítico façam parte do aprendizado de inglês.

O mundo está mudando rapidamente. Todavia, ainda há muito a se fazer para reorganizar os laços discursivos que foram impostos pela hegemonia do Reino Unido no passado e atualmente, pelos Estados Unidos. A relação abusiva de poder entre colonizado e colonizador é mantida há séculos. O discurso do mestre nos envolve de uma maneira tão forte, que já nascemos condicionados e subservientes, silenciados pelos anos de submissão. A idolatria ao primeiro mundo, ao cinema, às músicas, ao estilo, às roupas, ao jeito de ser americano, está arraigado em qualquer lugar do planeta. Essa ideologia americana, aceita sem questionamentos, sufoca e diminui falantes não-nativos como sujeitos não dignos de serem usuários da língua inglesa. Ter consciência e refletir sobre essa relação é fundamental para que haja mudanças. Ao ser questionado sobre como resistir a essa massificação cultural e linguística, Gadriot-Renard

(2005, p. 32) responde: “Deixando de ter vergonha (síndrome do escravizado), mas também pondo-nos à altura em inglês.”

Para que o laço discursivo se modifique, as relações de poder devem se reorganizar. O discurso do mestre nasce do agente que dirige a demanda ao outro. Sem perceber, falantes não-nativos correspondem às suas exigências, configurando o laço social. Ao compreender essa dinâmica discursiva, o falante não-nativo se rebela da posição de subserviência e coloca em xeque a autoridade suprema dos detentores da língua inglesa. Essa consciência crítica precisa ser estimulada nos aprendizes-usuários de inglês. A síndrome do escravizado precisa ser superada, e ela começa através do empoderamento de não-nativos que são usuários da língua.

A construção da identidade passa pelo real e se concretiza pela realidade que o sujeito apreende como verdade para si. Em uma sociedade opressora, o oprimido só consegue materializar uma realidade construída e moldada pelo discurso do opressor. O oprimido reproduz as ideologias e os comportamentos absorvidos e os coloca como prática social. É o discurso do mestre, aquele que tudo sabe, controlando o outro. Apesar de ser a autoridade máxima, o mestre sabe que sua posição reificada só se sustenta enquanto S2 assim aceitar. Por isso, o mestre faz de tudo para manter o oprimido na posição subalterna, controlando assim o laço social. Freire oferece a S2 a chave para se desvencilhar das amarras de S1, através da conscientização de seu lugar no mundo.

O discurso do mestre está muito mais presente do que se percebe. Muitas vezes a hierarquização é necessária e é bem-vinda. Ela só não pode se sustentar com laços abusivos. O discurso ideológico hegemônico deixa marcado o desequilíbrio intencional que ele pretende impregnar. Isso desde o tempo do império britânico. Contudo, esse laço só existe porque o outro se sujeita ao domínio. É o outro, S2, quem controla a relação. Por isso, a conscientização do outro é sua emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do movimento decolonial que envolve o pensamento contemporâneo, anos de eurocentrismo não são reconfigurados de forma célere. O que se percebe ainda é que a língua inglesa é um mecanismo duplo de opressão. Primeiro pelo discurso do mestre através do falante nativo dominante, e segundo pelo ensino reprodutivista do discurso universitário que permeia o imaginário dos aprendizes.

Diante de um mundo globalizado, fluido e dinâmico, a configuração do inglês modificou-se e com ele as formas de se relacionar com a língua e de ensiná-la. É preciso que os aprendizes-usuários questionem, debatam, discutam as relações de poder nessa seara. A língua inglesa pode ser um catalisador para mudanças sociais e econômicas na sociedade brasileira. Quanto mais o usuário de inglês se empodera, se conscientiza, sua dimensão de sujeito sócio-histórico se amplia e os discursos criam laços mais simétricos, trazendo o discurso da histórica e do analista para o campo do ensino e aprendizagem de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

- BORELLI J. D. V. P. *et al.* Towards a Decolonial Language Teacher Education. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Vol. 20 (2), 2020.
- BUENO, C. M. O. Laço Social e Discurso: Questões sobre sua Escrita. **Correio APOA**. Vol. 243, Porto Alegre, 2015. Disponível em www.apoa.com.br/correio/edicao/243/laco_social_como_discurso_questoes_sobre_sua_escrita/187. Acesso em maio 2026.
- COELHO, M. S. C. Psicanálise e Laço Social - Uma Leitura do Seminário 17. **Mental**. Ano IV, n. 6, Barbacena, jun. 2006, p. 107-121.
- COUTO, L. F. S. Debilidade Mental e Psicose na Trança do RSI: um Caso Clínico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 597-622, 2012.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas**. 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

FERRARI, V.; PELLIÓN, F. Experiências Discursivas na Universidade: O Saber e os Discursos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, vol. XI, nº 3, p. 1231-1264, set/2011.

FERRARI, V. Práticas Discursivas Na Universidade: Uma Análise a Partir da Teoria Laciana dos Quatro Discursos. **Revista Estudos Lacanianos**, vol.3, no.4. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100008. Acesso em maio 2026.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREUD, S. (1925-1925) **Além do Princípio do Prazer**. Vol. XVIII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1915-1916) **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Vol. XV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

GADRIOT-RENARD, H. O Inglês: Língua Franca das Instituições Internacionais. In: LACOSTE, Y. (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola, 2005.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 2: A Clínica da Fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. **Seminário 17** – O Averso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.

LACAN, J. **O Seminário**, livro 8: A Transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1960-1961), 1992b.

PAIVA, V. L. M. O. História do Material Didático de Língua Inglesa. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. (org.). **O Livro Didático de Língua Estrangeira: Múltiplas Perspectivas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

QUINET, A. A Ciência Psiquiátrica nos Discursos da Contemporaneidade. **Estados Gerais da Psicanálise**, 1999. Disponível em: https://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a_ciencia.shtml. Acesso em maio 2026.

RABINOVISH, D. S. O Psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo. **Cadernos de Psicologia**, UFMG-BH, v. 11, p. 9-28, 2001.

SANTOS, B. S. Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2007.

SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade**: Contestações e Proposições. Salvador: EDUFBA, 2012.

SIQUEIRA, S. É Possível Descolonizar o Conteúdo dos Materiais Didáticos de Língua Inglesa? Ação na Reflexão. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Paraguaçu, v. 2, n. 1, 2024.

TOMLINSON, B. **Materials Development in Language Teaching**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

Flávia Cristina Martins de Oliveira

Doutora em Língua e Cultura (UFBA), mestre em Língua e Cultura (UFBA), pós-graduada em Psicanálise Clínica (CEAPP), pós-graduada em Gestão Escolar e Língua Inglesa (UNITAU), licenciada em Língua Portuguesa e Inglesa (UNITAU). É professora permanente do Instituto de Letras (UFBA) e atua na área de formação de professores.

E-mail: flaviao@ufba.br